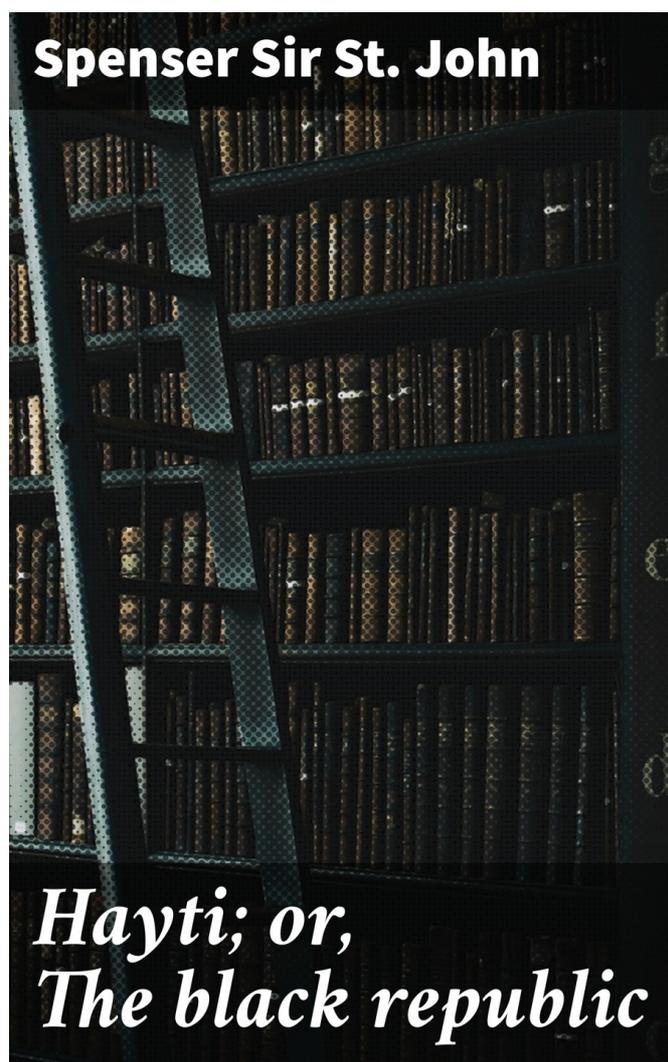


Uma viajante narrativa de viagem:
o circuito de comunicação de *Haiti*,
ou a República Negra, de Spenser St. John

Tradução



Capa do e-book *Hayti; or, The black republic* (1884), de Spenser St. John, 2012, fotografia (detalhe).

Jack Daniel Webb

Doutor em História pela University of Liverpool/Inglaterra. Professor de Modern British History na University of Manchester/Inglaterra. Autor, entre outros livros, de *Haiti in the British imagination: imperial worlds, 1847-1915*. Liverpool: Liverpool University Press, 2020. jack.webb@manchester.ac.uk

Uma viajante narrativa de viagem: o circuito de comunicação de *Haiti, ou a República Negra*, de Spenser St. John*

The travelling travel narrative: the communication circuit of Spenser St. John's Hayti, or, the Black Republic

Jack Daniel Webb

Tradução: Bianca Letícia de Almeida**

Revisão técnica da tradução: Fábio Franzini***

RESUMO

Este artigo examina a circulação e a recepção do livro *Haiti, ou a República Negra* (1884), de Spenser St. John, no mundo atlântico entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Seu propósito é mostrar como as ideias da obra “viajaram” e foram empregadas em contextos radicalmente diferentes, a começar daquele do próprio autor, ex-cônsul britânico no Haiti, chegando até à diluição de suas ideias principais em romances da época vitoriana. O rastreamento dos lugares e formas pelas quais o livro passou revela, assim, a comunidade de leitores e escritores que promoveu a interpretação e apropriação particulares de sua visão difamatória sobre a sociedade haitiana, bem como sua influência penetrante e duradoura não apenas sobre o público leitor, mas também sobre a administração colonial.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas de viagem; circuito atlântico de comunicação; Haiti.

ABSTRACT

This article examines the circulation and reception of Spenser St. John's book *Haiti, or the Black Republic* (1884) in the Atlantic world between the end of the Nineteenth century and the first decades of the Twentieth. Its purpose is to show how the ideas of this book “travelled” and were employed in radically different contexts, starting from that of the author himself, a former British consul in Haiti, to the dilution of his main ideas in some novels of the Victorian era. Tracing the places and forms through which the book passed thus reveals the community of readers and writers that promoted the particular interpretation and appropriation of its defamatory vision of Haitian society, as well as its penetrating and lasting influence not only on the readers but also on the colonial administration.

KEYWORDS: travelling narratives; Atlantic-wide communication circuit; Haiti.

* Artigo publicado originalmente, sob o título “The travelling travel narrative: the communication circuit of Spenser St. John's Hayti, or, the Black Republic”, em *Book History*, v. 20, 2017, Baltimore, p. 258-273. Reproduzido com a permissão do autor e a autorização dos editores, a quem a editoria de *ArtCultura* e os organizadores deste dossiê agradecem.

** Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). bia.almeida695@gmail.com

*** Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorando em História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Bolsista PDS da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj). Autor, entre outros livros, de *À sombra das palmeiras*: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2010. ffranzini@unifesp.br

Apresentação – Jack Daniel Webb

É com muita alegria que os organizadores deste dossiê apresentam Jack Daniel Webb ao público brasileiro e, por extensão, de língua portuguesa. Historiador formado pela University of Liverpool, Webb foi pesquisador na Newcastle University e no Institute of Latin American Studies da University of London antes de chegar à University of Manchester, onde desde 2021 é *lecturer* em História Britânica Moderna. Especialista nas relações anglo-caribenhas nos séculos XIX e XX, suas pesquisas voltam-se tanto aos intercâmbios intelectuais, políticos e diplomáticos entre o Império Britânico e o Haiti na época vitoriana quanto, mais recentemente, à presença caribenha na Grã-Bretanha na segunda metade do século XX.

Em ambas as frentes, um dos pontos de apoio fundamentais da sua produção é a atenção à circulação e à apropriação de ideias, sejam políticas, sejam pretensa ou efetivamente científicas, no chamado espaço atlântico. Essa atenção faz com que os produtos da cultura impressa estejam entre suas fontes principais, cuja análise acaba por demonstrar um pulsante e significativo trânsito editorial de livros, periódicos e outras publicações entre as duas margens do oceano, particularmente no hemisfério norte. Lidos, comentados, apropriados e ressignificados em diferentes tempos e espaços, tais produtos, como mostram seus trabalhos, contribuíram de modo decisivo para a construção de imagens e representações que marcaram, e ainda não deixaram de marcar, o cenário colonial e pós-colonial construído a partir de Londres.

O artigo que se segue é exemplo perfeito disso. Originalmente publicado em *Book History* – talvez o mais importante periódico internacional da área de estudos da história do livro, da edição e da leitura –, ele aborda um livro específico, *Haiti, ou a República Negra*, do diplomata britânico Spenser St. John, que, publicado em 1884, viajou por múltiplos circuitos letrados e influenciou profunda e, sobretudo, negativamente a visão do Império sobre a sociedade haitiana, com ecos perceptíveis até muito pouco tempo atrás. Não por acaso, este texto também é peça central de seu livro *Haiti in the British imagination: imperial worlds, 1847-1915*, lançado pela Liverpool University Press em 2020, no qual procura evidenciar a complexa relação entre metrópole e colônia atento mais a trocas e reelaborações culturais que a uma simplista oposição entre dominação e resistência.

Ao traduzi-lo e publicá-lo, *ArtCultura* brinda as estudiosas e os estudiosos do livro com um texto bastante original, que, além de ser apreciado pelo que informa, pode ainda servir de inspiração para pesquisas semelhantes sobre o trânsito de livros em “nosso” próprio espaço intelectual transatlântico. Sem sermos por demais pretensiosos, é o que esperamos, assim como esperamos que outros escritos de Jack Webb, que por estes anos lançou como coorganizador as obras *Memory, migration and (de)colonisation in the Caribbean* (University of London Press, 2020) e *The Bloomsbury Handbook of postcolonial print cultures* (Bloomsbury, 2023), também venham a aparecer em português. Boa leitura!

Fábio Franzini e Nuno Medeiros



Em 1884, o ex-cônsul britânico no Haiti, Spenser St. John, publicou *Haiti, ou a República Negra*.¹ O livro pretendia ser uma exposição da presença quase onipotente do “*vaudou*”, ou vodu, no Haiti. Como Helen Tiffin sugeriu, St. John enquadrava sua análise do vodu no tropo da decadência.² Para ele, o vodu estimulou os escravizados na Revolução Haitiana, o impediu de estender sua influência sobre o governo, era secreto e inacessível, resultava em assassinato de crianças e canibalismo, prejudicava o comércio e a população. A influência da obra de St. John foi profunda e de grande alcance. De acordo com J. Michael Dash, ela definiu o Haiti para os leitores do outro lado do Atlântico: “ainda recentemente, em 2010, o terremoto de magnitude 7 que destruiu grande parte da capital foi creditado a um suposto ‘pacto com o diabo’ feito pelo país por conta do vodu”.³

St. John não foi, de forma alguma, o único a difamar o Haiti. Marlene Daut mostrou recentemente, em um estudo impressionante e abrangente sobre a circulação dos tropos relacionados ao Haiti no mundo atlântico, que os eventos da Revolução Haitiana (1791-1804) “foram incessantemente narrados de uma maneira particularmente ‘racializada’” ao longo do século XIX.⁴ As percepções racializadas anteriores, contudo, tinham nuances e complicações, como notaram David Geggus (1985) e Julia Gaffield (2015).⁵ Gaffield deixa claro os laços políticos multifacetados entre os governos britânico e haitiano nesse período, que envolviam vários tipos de reconhecimento. A mudança para a ênfase no vodu encontrada em *Haiti, ou a República Negra* marcou uma alteração nas estratégias de difamação, bem de acordo com o contexto histórico no qual ela foi elaborada. Kate Ramsey mostra que concepções sobre o vodu haitiano surgiram com a ascensão de um “discurso racial” particular, nas décadas de 1850 e 60.⁶ Na Grã-Bretanha, a prática começou a ser citada pela imprensa em 1850, relacionando-a ao imperador do Haiti, Faústino I.⁷ A obra de St. John sustentou a mudança de discurso ao consolidar e disseminar a imagem do Haiti em uma condição de decadência condicionada pelo vodu.

Ao examinar a recepção de *Haiti* no mundo atlântico, pude mostrar como as ideias da obra “viajaram” e foram empregadas em contextos radical-

¹ *Vaudoux* é a grafia da palavra usada por St. John. Alasdair Pettinger notou o significado dessa grafia para os observadores “ocidentais”, argumentando que ela revelava uma noção de fetichismo e bruxaria, em sentido oposto às práticas da religião vodu. Eu usarei o termo vodu para enfatizar que ele é de fato uma religião.

² TIFFIN, Helen. Among head-hunters and cannibals: Spenser St. John in Borneo and Haiti. *Kunapipi*, v. 23, n. 2, 2001.

³ DASH, J. Michael. The trial that gave Vodou a bad name. Disponível em <<http://www.smithsonianmag.com/history/the-trial-that-gave-vodou-a-bad-name-83801276/?no-ist>>. Acesso em 1 out. 2015.

⁴ DAUT, Marlene L. *Tropics of Haiti: race and the literary history of the Haitian Revolution in the Atlantic world, 1789-1865*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015, p. 3.

⁵ Ver GEGGUS, David. Haiti and the abolitionists: opinion, propaganda and international politics in Britain and France, 1804-1838. In: RICHARDSON, David (org.). *Abolition and its aftermath: the historical context, 1790-1916*. London: Frank Cass, 1985, e GAFFIELD, Julia. *Haitian connections in the Atlantic world: recognition after Revolution*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.

⁶ RAMSEY, Kate. *The spirits and the law: Vodou and power in Haiti*. Chicago: University of Chicago Press, 2011, p. 80.

⁷ Ver Hayti. *Morning Chronicle*, 15 abr. 1850, p. 6.

mente diferentes. A tese de St. John sobre o Haiti foi utilizada para justificar o imperialismo britânico na África e a falta de emancipação no Caribe. Também foi usado para promover ficções que, em um ciclo de reações, alteraram a tese de St. John para atender a públicos diversos. Essas audiências não apenas interpretaram e implantaram as ideias de St. John sobre o Haiti, mas também inspiraram a segunda edição de *Haiti, ou a República Negra* (1889). O rastreamento dos lugares por onde o livro “viajou” revela, assim, as redes mais amplas e múltiplas às quais o autor pertencia e nas quais suas ideias sobre o Haiti circularam e foram interpretadas e reinterpretadas pelo Atlântico, particularmente na Grã-Bretanha no final do século XIX. As estratégias de difamação em *Haiti* não existiam isoladamente: elas estavam ligadas a uma comunidade atlântica de leitores e escritores.

Em seu ensaio de 1984 sobre a teoria da viagem, Edward Said escreveu que, “assim como pessoas e correntes da crítica, ideias e teorias viajam – de pessoa a pessoa, de contexto a contexto, de uma época para outra”.⁸ Nessa viagem, continua Said, o poder da ideia enfraquece – ou é “diluído”, para usar o termo de Charles Fordsick (2001) –, pois ela se dissocia da situação histórica e política original em que foi concebida.⁹ No entanto, ao revisitar a questão uma década depois, Said constatou que uma ideia pode se fortalecer, dependendo da realidade para a qual ela transita. De fato, as ideias em *Haiti* viajaram para vários contextos, assim como diversos grupos de leitores mobilizaram e reelaboraram sua tese, a qual foi reforçada ou diluída de acordo com as circunstâncias em que foi acionada. O livro de St. John, como qualquer outro, percorreu o caminho que Robert Darnton chamou de “circuito de comunicação”, que “vai do autor ao editor [...], ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito, porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores”.¹⁰

O tratado de St. John sobre o Haiti foi condicionado pelo contexto em que foi produzido. Uma análise dos paratextos do livro revela que o autor inicialmente concebeu sua obra em diálogo com a expansão do imperialismo britânico na África. Este artigo inicia-se com a avaliação das formas de referência de St. John a africanistas e antropólogos. Em seguida, rastreia a viagem de *Haiti, ou a República Negra*, explorando primeiramente a recepção do livro por diversos públicos para depois analisar como ele foi utilizado nos debates sobre a governança colonial no Caribe. As interpretações sobre a obra foram estrategicamente incorporadas à sua segunda edição, indicando a rede mais ampla envolvida na formulação de posturas vitorianas tardias sobre o Haiti. Finalmente, o texto analisa uma recepção mais sutil, mas significativa, de *Haiti* ao examinar *Mahme Nousie* (1891), de Manville Fenn, e *A daughter of the tropics* (1887), de Florence Marryat, dois romances que aparentemente tomaram de St. John o tropo da decadência haitiana para elaborar suas próprias considerações

⁸ SAID, Edward. *The world, the text and the critic*. London: Vintage, 1991, p. 226.

⁹ Cf. *idem, ibidem*, e FORDSICK, Charles. Travelling concepts: postcolonial approaches to exoticism. *Paragraph*, v. 24, n. 3, 2001.

¹⁰ DARNTON, Robert. What is the History of Books? *Daedalus*, v. 111, n. 3, 1982, p. 66.



sobre a condição do império.¹¹ O rastreamento da tese de St. John por esses diversos contextos revela que as ideias sobre o Haiti se desenvolveram em meio a várias preocupações e debates. A influência penetrante e duradoura de *Haiti* envolveu amplas redes de administração colonial e públicos leitores que estavam mais preocupados com a situação do imperialismo do que propriamente com o Haiti.

Em sua análise, St. John deixava claro a origem africana do vodú: “os negros trazidos da costa oeste da África naturalmente trouxeram consigo sua religião, e o culto à serpente era uma de suas características mais marcantes”.¹² Para sustentar tal afirmação, ele remetia ao trabalho de vários africanistas, incluindo o cofundador da Sociedade de Antropologia de Londres, Richard Burton.¹³ Como prova do canibalismo entre os africanos, St. John citava um trabalho de Thomas Hutchinson publicado em *Transactions of the Ethnological Society*.¹⁴ Ou seja, St. John privilegiou os relatos sobre o “povo africano” feitos por antropólogos em detrimento de fontes haitianas, apesar de sua afirmação de que “tudo o que relatei foi baseado em evidências coletadas no Haiti, em documentos oficiais haitianos e de funcionários confiáveis do governo haitiano, de meus colegas estrangeiros e de respeitáveis residentes – mas principalmente das fontes haitianas”.¹⁵ Mas ele se valeu dessas fontes apenas para descredibilizá-las. Ao final de sua introdução, apenas cinco páginas depois de exaltar a importância do material local, ele ridicularizou um artigo escrito por um funcionário público que, segundo ele, estava ligado ao vodú. De fato, ele explicou em sua nota de rodapé que “desde o reinado do [imperador] Soulouque, autores profissionais eram pagos pelo governo haitiano para divulgar relatos fantasiosos sobre a civilização e o progresso do Haiti”.¹⁶ Como um leitor que virou escritor, St. John tomou cuidado para que as informações em seu trabalho pudessem se inserir nos discursos europeus sobre a política colonial na África.

Ao descrever o Haiti, St. John pôde controlar quais fontes seriam mobilizadas, bem como a ênfase dada a cada uma, graças à sua posição privilegiada de viajante. Como afirma James Clifford, o viajante que escrevia para um público europeu regulava o “externo” para os “internos”.¹⁷ O viajante podia manipular as informações sobre o lugar que apresentava para seus leitores, definindo assim aquele local para o público. Com sua abordagem supostamente “científica”, St. John atribuiu a si próprio uma posição privilegiada para expor “verdades” sobre o Haiti. Estabelecida sua autoridade, poucas fontes

¹¹ Duas outras ficções sobre o Haiti escritas nessa época são as de FRANCILLON, Robert Edward. *Ropes of sand*. London: Chatto & Windus, 1893, e de HENTY, G. A. *A roving commission; or, through the black insurrection of Hayti*. London: Blackie and Son, 1900. Henty parece ter se inspirado em outras obras sobre o Haiti, como *An historical account of the black empire of Hayti* (1805), de Marcus Rainsford.

¹² ST. JOHN, Spenser. *Hayti; or, the Black Republic*. 1ª ed. London: Smith, Elder & Co., 1884, p. 229.

¹³ Ver *idem, ibidem*, p. 185 e 216.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 223. A citação é de Thomas Hutchinson, em *On the social and domestic traits of the African tribe: with a glance at their superstition, cannibalism...* *Transactions of the Ethnological Society*, n. 1, 1861.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. IX. A maioria das fontes haitianas citadas por St. John são da imprensa local, como a publicação *Le Vérité and Le Peuple*.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. XIV.

¹⁷ CLIFFORD, James. Travelling cultures. In: GROSSBERG, Lawrence et al. (org.). *Cultural studies*. New York: Routledge, 1992, p. 107.

primárias foram necessárias para validar aos seus leitores o retrato do Haiti como decadente e canibalístico.

A tal pretensão da “verdade” certamente dirigia-se à sua rede de “cientistas” e administradores coloniais, mas também impulsionou as vendas de *Haiti* para um público internacional de leitores bem informados. Dessa forma, as ideias de St. John sobre o Haiti foram recebidas e interpretadas em contextos variados. Fundamental para a difusão de *Haiti* pelo Atlântico foi a reconhecida editora Smith, Elder & Co., que detinha um catálogo minuciosamente escolhido. Como escreveu Bill Bell, “a lista de nomes associados à empresa naquela época – Arnold, Trollope, Thackeray, Gaskell, Charles Reade, Wilkie Collins, as irmãs Brontë, o casal Browning – está relacionada às maiores figuras da literatura vitoriana”.¹⁸ George Smith expandiu o negócio e tinha como consultor literário James Payn, que estava menos interessado na qualidade das obras do que nas vendas. A respeito dele, Smith disse que “a literatura era o seu negócio, exatamente como as ações são o negócio do corretor da bolsa e chás e açúcares são o negócio do comerciante”.¹⁹ Pois a editora publicou no *Times* dois anúncios para divulgar a primeira edição, um para a segunda e mais dois nos anos seguintes às vésperas do Natal.²⁰ Garantiu, ainda, uma extensa resenha no jornal *Pall Mall Gazette*, que também editava.²¹

Haiti teve sucesso tanto nacional quanto internacionalmente, esgotando sua primeira edição de 1.250 exemplares.²² Mais 1.000 cópias foram impressas para a segunda edição, em 1889.²³ A tiragem relativamente alta da segunda edição pode sugerir um otimismo por parte dos editores em relação à recepção da primeira²⁴, embora as vendas estivessem dentro da média em comparação às outras obras de não ficção publicadas pela empresa.

A Scribner & Welford, de Nova York, foi a responsável por trazer o livro para o mercado americano. Em 1886, uma tradução francesa foi encomendada e 1.800 exemplares cruzaram o Canal da Mancha, alguns dos quais foram parar no Haiti.²⁵ Apesar da história colonial da França, parece ter havido poucas publicações francesas sobre o Haiti na época.²⁶ No prefácio dessa versão, o editor repetiu o tratado de St. John sobre a decadência haitiana, mas adaptado para o interesse nacionalista francês: “Nossos vizinhos do outro lado do canal não concebem questões de política, colonização e religião essencialmente da mesma maneira que nós. [...] Não acreditamos que isso seja razão suficiente para não apresentar ao público francês uma obra que retrata o

¹⁸ BELL, Bill. Smith, George Murray (1824–1901). DNB.

¹⁹ Apud NESTA, Frederick. *The commerce of literature: George Gissing and late Victorian publishing, 1880–1903*. Tese de doutorado, University of Wales, 2007, p. 36.

²⁰ Anúncios classificados. *Times*, 22 out. 1884, p. 12; 24 out. 1884, p. 10; 5 nov. 1884, p. 12; 12 mar. 1889, p. 12; 8 dec. 1890, p. 7; 17 dez. 1895, p. 12.

²¹ Black Republic. *Pall Mall Gazette*, 13 dez. 1884, p. 4.

²² Smith, Elder & Co. Business ledgers, National Library of Scotland, manuscrito 3219, p. 339 e 340.

²³ *Idem*, manuscrito 43223, p. 445.

²⁴ *Idem*, manuscrito 43219, p. 339 e 340.

²⁵ Sobre a tradução francesa, ver manuscrito 43148, National Library of Scotland, e ST. JOHN, Spenser. *Haiti ou la république noire*. Paris: Librairie Plon, 1886.

²⁶ Um trabalho anterior notável que influenciou vários escritores britânicos, incluindo St. John, foi o de D’ALAUX, Gustave [Maxime Rayband]. *L’Empereur Soulouque et son empire*. Paris: Michel Lévy Frères, 1852.

triste estado em que nossa ex-colônia, outrora opulenta e próspera, se encontra”.²⁷

Por atravessar fronteiras nacionais, *Haiti* foi inevitavelmente recebido de diversas maneiras. Como sugeriu o editor francês, o livro proporcionou ao seu público uma oportunidade de compreender os infelizes resultados da falta do domínio francês em sua ex-colônia e se entregar à nostalgia imperial. Embora biografias de Toussaint Louverture fossem comuns na França nesse período, havia muito poucos livros sobre a história mais ampla do Haiti, e mesmo as obras que tratavam de Louverture pareciam fazê-lo com alguma relutância. Como disse um autor francês, a prisão de Louverture pelas forças francesas “continuará sendo em certos aspectos para nós, franceses, um momento doloroso”.²⁸ Na verdade, a falta de publicações francesas sobre o Haiti pode refletir a relutância em acessar uma memória dolorosa do “fracasso” colonial, ao passo que os leitores franceses do livro de St. John puderam se reconfortar ao saber que os haitianos estavam realmente piores sem o domínio da França.

Na Grã-Bretanha, o trabalho recebeu um retorno extremamente positivo da imprensa. O que mais impressionou os críticos foram as credenciais de St. John. *The Graphic*, um concorrente do *Illustrated London News*, escreveu que o “autor foi Ministro Residente de Sua Majestade e Cônsul Geral no Haiti por um longo período, tendo oportunidades excepcionalmente boas para observação”.²⁹ *John Bull*, um jornal cujo lema era “por Deus, o Rei e o Povo”, concordou, comentando que St. John “é qualificado por uma experiência pessoal de mais de vinte anos para formar uma opinião sobre a deterioração do país ao qual se refere”.³⁰ St. John citara cientistas para reforçar sua própria autoridade, e as resenhas respondiam àquilo que desejara. Elas estavam invariavelmente interessadas no que ele tinha a dizer sobre vodu e canibalismo.³¹ *John Bull* escreveu: “Seu capítulo mais marcante é aquele que trata da adoração do *vaudoux* e canibalismo, e, embora ele afirme ter pintado este assunto com cores menos sombrias [...], certamente é o suficiente para fazer o cabelo do leitor comum ficar em pé”.³² As referências “científicas” mobilizadas por St. John permitiram que ele apresentasse os elementos mais sensacionalistas de *Haiti* como “verdadeiros”. Embora ele não tenha observado nenhum ato de canibalismo (a despeito de suas “oportunidades excepcionalmente boas”), sua autoridade foi transportada ao contexto norte-americano. Em uma entrevista para o *Bismarck Daily Tribune*, apenas uma pergunta lhe foi feita: “o vuduísmo ainda prevalece no Haiti hoje?” Sua resposta foi tipicamente autoritária: “Sim. [...] Conheci um homem que sacrificou a própria sobrinha e comeu a sopa

²⁷ Introdução do editor. In: ST. JOHN, Spencer. *Haiti ou la République Noire*, op. cit. Texto original: “Nos voisins d’outre-Manche et nous ne saurions juger absolument de la même façon des faits de politique, de colonisation et de religion... Nous n’avons pas cru, bien au contraire, que ce fût une raison suffisante pour ne pas soumettre au public français un ouvrage qui dépeint si bien le triste état où se trouve réduite notre ancienne colonie, jadis opulente et prospère”.

²⁸ LE GORGEU, Georges François apud DAUT, Marlene L. *Tropics of Haiti*, op. cit., p. 353.

²⁹ The Reader. *Graphic*, 1 nov. 1884.

³⁰ Review. *John Bull*, 24 jan. 1885, p. 61.

³¹ Isso se baseia em uma pesquisa no banco de dados do *Times* e da British Library Newspaper. Os jornais desta base de dados que fizeram resenhas de *Haiti* foram, além dos já mencionados, o *Morning Post*, 8 out. 1884, p. 2; *Newcastle Weekly Courant*, 31 out. 1884; *Daily News*, 10 nov. 1884; *Pall Mall Gazette*, 13 dez. 1884, e *Standard*, 3 jun. 1889, p. 2.

³² Review. *John Bull*, op. cit.

feita com a cabeça e os ossos dela”.³³ Mesmo na Dakota do Norte, a ideia de um notavelmente decadente Haiti consolidava-se como “verdade”.

A recém-adquirida autoridade de St. John sobre o Haiti permitiu que certos leitores, como o historiador J. A. Froude, utilizassem seu trabalho como testemunho nos debates sobre a capacidade de autogoverno da população caribenha. Essa disputa foi particularmente relevante, pois, no mesmo ano em que *Haiti* foi publicado, o direito ao voto no Caribe “britânico” foi estendido para incluir uma pequena parcela da população negra. Matthew J. Smith observa que “a Coroa foi extremamente cuidadosa para evitar a ampliação do direito de voto a um grande número de pessoas, que ainda consideravam incapazes para governar a si mesmos”, e apenas 1,3% da população podia votar.³⁴ Esta foi uma medida polêmica, pois insinuava uma ameaça ao domínio colonial britânico. Depois de viajar pelo Caribe com uma cópia de St. John em mãos, Froude publicou seu altamente influente livro *The English in the West Indies* (1888).³⁵ “Administração inglesa pura e simples [...] ou cair eventualmente em uma situação como a do Haiti, onde eles comem bebês e nenhum homem branco pode possuir um metro de terra”.³⁶ Para Froude, a história haitiana narrada por St. John mostrou conclusivamente que qualquer transferência de poder para a população negra no Caribe resultaria em decadência e ruína.

Froude visitou o Haiti por apenas algumas horas durante sua viagem e, apesar de procurar, não encontrou nenhuma mostra de canibalismo. Mas ele acata totalmente o relato de St. John: “Eu não poderia esperar que em uma visita rápida pudesse ver a verdade mais profundamente do que viu Sir Spenser St John”.³⁷ Embora Froude tenha questionado outros habitantes do Caribe sobre o assunto, suas perguntas estavam pré-condicionadas por *Haiti, ou a República Negra*. Seus entrevistados não precisavam dar qualquer confirmação verbal para que Froude ficasse satisfeito. Por exemplo, ao perguntar ao presidente da Suprema Corte de Barbados sobre a existência do canibalismo, “a desconfiança e a hesitação contínua de Sua Graça em oferecer uma opinião confirmaram minha própria opinião”.³⁸ Enquanto esteve no Haiti, a ameaça de canibalismo parecia cercá-lo, vindo a ficar cara a cara com “uma grande mulata de aparência ameaçadora, capaz de devorar inúmeros bebês temperados”.³⁹

O tratado de Froude não passou despercebido no Caribe. O linguista e funcionário colonial trinitário J. J. Thomas rapidamente enviou uma resposta em *Froudacity: West Indian fables by James Anthony Froude* (1889).⁴⁰ Com ironia, ele escreveu que a emancipação resultaria no “massacre de nossos compatrio-

³³ Hayti, voodooism and cannibalism. *Bismarck Daily Tribune*, 30 mar. 1886. Para outras resenhas da imprensa norte-americana, ver Volcanic Hayti. *Atchison Daily Globe*, 24 jun. 1889; Our cannibal neighbors. *St. Louis Globe-Democrat*, 22 jun. 1885, p. 6; The Black Republic. *St. Louis Globe-Democrat*, 26 mar. 1885, p. 4; The Black Republic. *Boston Daily Advertiser*, 23 mar. 1885, p. 2, e The Black Republic. *St. Louis Globe-Democrat*, 5 nov. 1884, p. 9.

³⁴ SMITH, Matthew J. *Liberty, Fraternity, Exile*, p. 188.

³⁵ FROUDE, James Anthony. *The English in the West Indies; or, the bow of Ulysses*. London: Longmans Green & Co., 1888.

³⁶ *Idem, ibidem*, p.49.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 127 e 128.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 100.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 165.

⁴⁰ THOMAS, J. J. *Froudacity: West Indian fables by James Anthony Froude*. Hamburg: Tredition, 2006.



tas nas Índias Ocidentais, por conta de sua raça, cor de pele e esclarecimento [...]. Os negros [...] se tornariam foliões, como sumos sacerdotes e devotos em orgias de adoração ao diabo [e] canibalismo”.⁴¹ Mas Thomas não contestou diretamente a representação do Haiti feita em *Haiti, ou a República Negra*, cuja ausência é notável em *Froudacity*. O Haiti, para Thomas, não era um exemplo apropriado de autogoverno negro: ele enfatizou que a Libéria oferecia uma ilustração melhor. Isso sugere que Thomas estava ciente de que desafiar St. John e sua representação do Haiti prejudicaria sua defesa da emancipação perante os leitores. *Froudacity* empregou, como Faith Smith mostra em *Creole recitations*, uma estratégia que envolvia não tanto defender o Caribe em face do colonialismo britânico, mas destacar que “o discurso imperialista [...] não é fiel aos melhores ideais do pensamento inglês”.⁴² Estrategicamente, Thomas evitou uma discussão sobre a definição do Haiti em qualquer sentido, argumentando que o país era irrelevante para os debates a respeito da condição do império. Foi uma estratégia que pareceu ter algum sucesso, pois, como o *Graphic* claramente apontou em sua crítica a *Froudacity*, “o Haiti não é de forma alguma o precedente”.⁴³ Thomas, portanto, questionou o uso que Froude fez do Haiti nessa controvérsia, mas não o problema mais fundamental, a autoridade de St. John para definir o país.

As únicas objeções explícitas a *Haiti* parecem ter vindo dos próprios haitianos. O jornal *Moniteur Officiel* negou as acusações de canibalismo e lamentou que St. John tivesse espalhado boatos sobre o Haiti “numa curiosa linguagem de ódio”.⁴⁴ O diplomata e acadêmico haitiano Anténor Firmin pareceu igualmente desapontado com a tese de St. John. Em *The equality of the human races* (1885), um trabalho intelectualmente minucioso que se abre com uma crítica sobre a teoria da antropologia, Firmin esboçou o Haiti como um exemplo da similaridade inerente entre “raças”.⁴⁵ Na paráfrase de Camisha Russell sobre o argumento de Firmin, “se historicamente houvesse igualdade de oportunidades, haveria igualdade de raças”.⁴⁶ Depois de destacar um exemplo de canibalismo europeu para demonstrar que a prática não era exclusiva ao Haiti, Firmin, em uma nota de rodapé que é sua única referência a St. John, escreve: “Nós nos perguntamos se Spencer Saint-John [*sic*], um inglês da cabeça aos pés, realmente pensou sobre isso antes de atirar pedras naqueles que ele rotula de inferiores ao enfatizar um caso específico, e raro, de canibalismo praticado por haitianos”.⁴⁷

Tanto a admissão de Firmin de que o canibalismo realmente ocorreu quanto seu envolvimento limitado com St. John podem ser vistos como movimentos estratégicos. Firmin, que viajou do Haiti para a França como diplomata e associou-se à Sociedade de Antropologia de Paris, buscava o apoio de

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 10.

⁴² SMITH, Faith. *Creole recitations: John Jacob Thomas and colonial formation in the late nineteenth-century Caribbean*. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2002, p. 86.

⁴³ The Reader. *Graphic*, 12 out. 1889.

⁴⁴ ST. JOHN, Spenser. *Hayti, or, the Black Republic*. 2. ed. London: Smith, Elder & Co., 1889, p. 253.

⁴⁵ FIRMIN, Anténor. *The equality of the human races: positivist anthropology*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2002.

⁴⁶ RUSSELL, Camisha. Positivism and progress in Firmin’s equality of the human races. *Journal of Pan African Studies*, v. 7, n. 2, 2014, p. 52.

⁴⁷ FIRMIN, Anténor, *op. cit.*, p. 352.

leitores franceses e haitianos. No Haiti, atos de canibalismo tidos como ligados ao vodu foram combatidos pela elite do país, sob pressão de potências estrangeiras. Esse grupo, que exaltava o liberalismo econômico e as noções de “progresso”, promovia a memória do herói Toussaint Louverture, a quem Firmin dedicou o livro. Firmin, assim, parecia ter resolvido o problema do canibalismo não como um fenômeno haitiano, e sim como um ato universal e raro, relacionado a condições históricas e sociais particulares. Em apelo ao público francês, Firmin contestou St. John frisando sua nacionalidade. Tanto St. John quanto Firmin escreveram sobre o Haiti, mas assumindo posturas opostas sobre, por exemplo, sua condição de progresso e civilização. Firmin demarcou os contextos nacionais opostos entre seus leitores e St. John, e pôde assim descreditá-lo por representar uma visão diferente da francesa.

De sua parte, St. John não dialogou de maneira alguma com o trabalho de Firmin ao rever *Haiti*. Em sua segunda edição, ele prosseguiu em seu método de incorporar estudiosos específicos e policiar as fontes haitianas. Em particular, ele respondeu ao trabalho de Froude e às críticas da imprensa, realinhando sua tese nesse processo.

Na introdução à segunda edição, St. John endossou a tese de Froude em *The English in the West Indies*: “Não posso deixar de me juntar a [Froude] em protestar contra a concessão de governos populares a essas colônias. Eu sei o que é o homem negro e não hesito em declarar que ele é incapaz da arte de governar”.⁴⁸ De acordo com St. John, Froude era “um observador imparcial” que notou a existência de “adoração à serpente, sacrifício de crianças e canibalismo [...] Não há espaço para dúvidas”.⁴⁹ Na verdade, Froude não forneceu nenhuma evidência desses horrores; ainda assim, ele e St. John citavam um ao outro repetidamente.

Nesse empreendimento de consolidar seus equívocos sobre o Haiti, St. John foi acompanhado pelo público leitor em geral. Por exemplo, em 1886, uma notícia sobre duas mulheres acusadas de comer um ser humano foi interpretada como “uma importante corroboração das afirmações contidas em ‘Haiti, ou a República Negra’, de Sir Spenser St. John”.⁵⁰ St. John reconheceu a admiração de seus leitores por suas histórias sobre vodu e canibalismo, escrevendo que, por ter “despertado considerável atenção na Europa e nos Estados Unidos [...] decidi examinar novamente a questão com o maior cuidado”.⁵¹ Ele acrescentou um capítulo extra, “Canibalismo”, com histórias que haviam aparecido na imprensa britânica desde a primeira edição. Tais narrativas foram retiradas da mídia sensacionalista e incorporadas ao trabalho pseudocientífico de St. John. Eram, nesse sentido, transgênicas.

Em sua recepção inicial, as ideias de St. John sobre a decadência haitiana foram aprimoradas ao invés de contestadas. Logo, ao redigir a segunda edição, ele enfatizou ainda mais que o Haiti estava em um caminho regressivo devido ao vodu. Essa ideia não terminou com a segunda edição. *Haiti, ou a República Negra* influenciou obras de ficção de diferentes gêneros em forma de romance e aventura infantojuvenil.

⁴⁸ ST. JOHN, Spenser. *Hayti*, 2. ed, *op. cit.*, p. XI.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. XIV.

⁵⁰ Cannibalism in Hayti. *Daily News*, 12 abr. 1886.

⁵¹ ST. JOHN, Spenser. *Hayti*, 2. ed, *op. cit.*, p. XIII.

Em *Cultura e imperialismo*, Edward Said postulou que em toda a Grã-Bretanha do século XIX “encontramos alusões às marcas do império, mas talvez em nenhum lugar com mais regularidade e frequência do que no romance”.⁵² Segundo ele, as representações de territórios ultramarinos nessas obras literárias eram muitas vezes simplificações e insinuações muito menos confusas do que a realidade que retratavam.⁵³ Escritores de ficção frequentemente consultavam narrativas de viagens para obter informações sobre lugares distantes. (Isso pode explicar por que, historicamente, ficção e narrativas de viagem surgiram juntas.) A noção simplificada de Spenser St. John sobre o Haiti foi absorvida por pelo menos duas obras de ficção, o romance de aventura *Mahme Nousie* (1891), de Manville Fenn, e o romance *A daughter of the tropics* (1887), de Florence Marryat. Sem fazer referências explícitas a St. John, como Froude e a imprensa haviam feito, essas obras serviram-se de ideias de *Haiti* de maneiras que não eram necessariamente óbvias para seus leitores.

No romance de Fenn, destinado a meninos, as ameaças do canibalismo e da população haitiana aos seus adversários europeus são superadas pelos “heróis” que ocupam o centro do romance. No romance de Marryat, cujo público principal eram mulheres adultas, o vodu e o canibalismo representam um alerta para o patrulhamento de certas fronteiras imperiais e domésticas. Embora não remetam explicitamente a St. John, sua influência é perceptível. Em particular, Fenn mimetiza a estrutura do enredo e os detalhes de histórias específicas presentes na obra de St. John. No primeiro volume de *Mahme Nousie*, uma jovem haitiana chamada Nousie perde seu marido francês durante uma revolução e, atendendo ao seu último desejo, envia a filha deles, Aube, para um convento francês para estudar. Ela retorna ao Haiti como uma senhora refinada e sente repulsa pelo país e por sua mãe. O volume termina com a morte inexplicável de Aube. Essa história é réplica quase perfeita de um relato presente em *Haiti, ou a República Negra*. St. John escreve:

*Muitas famílias que acumularam uma certa quantidade de riqueza por meio do comércio varejista desejam que seus filhos tenham uma boa educação, e por isso os enviam à França. Uma haitiana assim colocou sua filha no convento de Sacré Coer [sic], em Paris. Depois de sete anos morando lá, ela passou alguns meses com uma família francesa e conheceu um pouco da sociedade da capital. Quando voltou para Porto Príncipe, foi recebida no cais por uma mulher gorda de aparência grosseira, que seu afetuoso coração sentiu ser sua mãe, a qual a levou para casa. A casa era um comércio próximo ao mercado, onde sua mãe vendia carne de porco salgada e rum a varejo; o lugar estava cheio de negros e negras da classe trabalhadora, que, como sempre, usavam a mais grosseira linguagem e se aglomeravam para cumprimentá-la como a uma velha conhecida. [...] Que contraste com a acentuada simplicidade do convento, a gentileza das freiras, o perfeito decoro! E acrescentou a isso a lembrança da sociedade que tinha visto em Paris! [...] Ela era apenas uma flor delicada e não suportou tal rude teste, adoecendo e morrendo nos primeiros dois meses. [...] Não é de admirar, nessas circunstâncias, que toda garota haitiana culta deseje se casar com um estrangeiro e deixar o país.*⁵⁴

⁵² SAID, Edward. *Culture and imperialism*. London: Vintage, 1994, p. 73.

⁵³ Ver *idem, ibidem*, p. 80.

⁵⁴ ST. JOHN, Spenser. *Hayti*, 2. ed, *op. cit.*, p. 297 e 298.

O romance não apenas se apropria dessa narrativa quase à risca, ele também traz várias anedotas mais curtas sobre o vodu, em específico. Na abertura do segundo volume de *Mahme Nousie*, descobre-se que Aube não havia morrido, como a mulher da história descrita por St. John, mas fora envenenada e seria sacrificada em uma cerimônia. O herói do livro, Paul, e seu amigo “enegrecem seus rostos”, se infiltram na cerimônia junto com a mãe de Aube, Nousie, resgatam Aube e fogem de volta para a Inglaterra para que Aube e Paul se casem. Essa narrativa do acessar, testemunhar e depois escapar de uma cerimônia de vodu se assemelha muito a três relatos detalhados em *Haiti*. Em cada um deles, uma pessoa local e um observador “ocidental” planejam uma fuga – uma do Haiti, duas da cerimônia. Nas duas últimas versões, os observadores escurecem o rosto e são forçados a sair do ritual por se oporem ao sacrifício de uma criança.

Recorrendo à sua biblioteca pessoal, que chegou a ter mais de 25.000 volumes, Fenn “muitas vezes efetivamente incorporava estudos de história natural e geografia”⁵⁵, traduzindo histórias que eram consideradas “reais” (como a de St. John) em “ficção”. Que Fenn não recolheu de outras fontes a história do deslocamento de Aube para a França nem os relatos das cerimônias de vodu é evidenciado pela patente falta de publicações sobre o Haiti naquele período. Exceção feita ao trabalho de Froude, nenhuma narrativa de viagem sobre o Haiti havia sido publicada na Grã-Bretanha desde *The Republic of Hayti, and its struggles* (1869)⁵⁶, de Mark Bird – e nem Bird nem Froude incluíram histórias como a de Aube ou da intromissão em rituais que aparecem em *Mahme Nousie*.

A daughter of the tropics, de Florence Marryat, é um romance de amor em que Lola, uma governanta haitiana, tenta cortejar seu patrão, Kerrison. Como ele rejeitou suas investidas e mostrou-se interessado em outra pessoa, Lola recorre ao vodu e tenta envenenar sua rival, mas acidentalmente mata Kerrison e, em desespero, tira sua própria vida. A suposta relação entre vodu e envenenamento é explorada em *Haiti, ou a República Negra*, indicando a fonte de inspiração de Marryat para o tema. Além disso, a evidência mais convincente de que Marryat leu e incorporou aspectos da obra de St. John é a descrição que faz da mãe e da avó de Lola. Marryat nomeia a mãe de Lola como Claircine de Pellé. Claircine foi a vítima de um suposto canibalismo que o “Ocidente” conheceu por meio do julgamento de Bizoton, em que oito pessoas foram consideradas culpadas e executadas. Congo Pellé, seu tio materno, era o suposto líder da trama. O julgamento ocorrera cerca de vinte anos antes, em 1864, e foi recebido com algum interesse pela imprensa britânica. Uma reportagem do *Reynold's Newspaper* citou Claircine e Congo Pellé ao detalhar o suposto canibalismo.⁵⁷ No entanto, o caso não foi amplamente coberto pela mídia britânica. Em vez disso, como afirmam J. Michael Dash e Kate Ramsey, o julgamento ficou famoso por um registro em *Haiti* cerca de vinte anos depois.⁵⁸ Ramsey destaca as inconsistências nas histórias que envolvem o julga-

⁵⁵ BOULGER, G. S. Fenn, George Manville (1831-1909). DNB.

⁵⁶ BIRD, Mark B. *The Republic of Hayti, and its struggles*. London: Elliot Stock, 1869.

⁵⁷ Ver Superstitious Horrors. *Reynolds's Newspaper*, 3 abr. 1864, p. 3.

⁵⁸ Ver DASH, J. Michael e RAMSEY, Kate Trial that gave Vodou a bad name, *op. cit.*



mento.⁵⁹ Por exemplo, St. John acreditava que as confissões dos réus foram dadas após terem sido “cruelmente espancados”.⁶⁰ A culpa dos réus poderia, assim, parecer duvidosa para historiadores, mas St. John nunca questionou isso.

Marryat traça a associação entre os atos de canibalismo ritual supostamente cometidos pela família de Lola detalhando o envolvimento da avó em outros sacrifícios rituais: a mãe de Lola lhe diz que sua avó “viu vítimas imoladas em seus altares”, ao que Lola responde: “e as comeu também, eu me atrevo a dizer”. É a avó de Lola, uma “*maman loi*”, ou “sacerdotisa de Vodou”, que fornece a Lola veneno e profecias que ela usa para eliminar seus rivais e cortejar Kerrison para si mesma.

As ameaças do vodou detalhadas por St. John e expressas pelos atos de violência de Lola são utilizadas por Marryat para enfatizar a importância de se proteger o espaço doméstico. Quando Lola se muda para a casa de Kerrison, ela leva consigo os perigos “tropicais” descritos em *Haiti, ou a República Negra*. Baseada na leitura de St. John, Marryat interpreta o Haiti como uma ameaça direta aos lares de classe média na Grã-Bretanha.

Enquanto a obra de Marryat continha lições para os interessados na relação do local com o imperial, *Mahme Nousie* mobilizou a narrativa da decadência de St John para ensinar aos meninos seu papel no império. Como o capitão do navio diz a Paul, o “herói” de Aube, “o Haiti não é lugar para pessoas civilizadas, especialmente quando consideramos que eles se libertaram do governo branco, criaram um próprio e, apesar de sua presunção e desprezo pela raça branca, estão voltando rapidamente para um estado de barbárie selvagem”.⁶¹ O perigo e a barbárie do Haiti são amenizados quando Aube é resgatada por herói Paul, em vez de sacrificada cerimonialmente.

John MacKenzie, J. S. Bratton e Kelly Boyd argumentaram que essas histórias de aventuras expunham as virtudes do dever, da responsabilidade pessoal e do patriotismo.⁶² Bratton dedicou atenção especial ao papel didático dessas ficções. Suas versões simplificadas e selecionadas do império e suas diversas formas de violência trabalharam em conjunto, segundo ele, com as escolas públicas em um processo de “doutrinação”.⁶³ Além disso, Boyd argumenta, a repercussão dessas histórias extrapolou para um público muito mais amplo que aquele das salas de aula da escola pública, alcançando leitores da classe média.⁶⁴ O herói típico dessas histórias “era de classe alta, atlético, soberbo e cavalheiresco. Ele viajava o mundo em busca de aventura, ora como funcionário do estado imperial, ora como um caçador de riquezas autônomo. A maioria dos heróis eram homens jovens, com idade entre 15 e 30 anos. Frequentemente, não tinham família, ou estavam geograficamente distantes dela.

⁵⁹ RAMSEY, Kate. *Spirits and the law*, op. cit., p. 85.

⁶⁰ ST. JOHN, Spenser. *Hayti*, 2. ed, op. cit., p. 216.

⁶¹ FENN, George Manville. *Mahme Nousie*. London: Hurst and Blackett, 1891, v. I, p. 259.

⁶² Ver MACKENZIE, John. *Propaganda and empire: the manipulation of British public opinion, 1880-1960*. Manchester: Manchester University Press, 1984; BRATTON, J. S. *Of England, home and duty: the image of England in Victorian and Edwardian juvenile fiction*. In: MACKENZIE, John (ed.). *Imperialism and popular culture*. Manchester: Manchester University Press, 1986, e BOYD, Kelly. *Manliness and the boy's story paper in Britain*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

⁶³ BRATTON, J. S., op. cit., p. 76.

⁶⁴ BOYD, Kelly. *Manliness*, op. cit., p. 3.

Nenhum era casado, mas as namoradas raramente estavam longe. Eram formidáveis modelos de masculinidade”.⁶⁵

As ameaças do canibalismo, sacrifício de crianças e decadência detalhadas em *Haiti* consolidaram-se no gênero de histórias de aventuras para meninos, nas quais podem ser derrotadas por meio da masculinidade. Os romances de Fenn e Marryat mostram como a aterrorizante imagem do Haiti elaborada por St. John podia ser exagerada e alcançar diferentes audiências sem que estas necessariamente soubessem de sua origem.

Ao atravessar gêneros, *Haiti, ou a República Negra* alargou seu público leitor. *Mahme Nousie* foi bem divulgado, principalmente no *Morning Post* e no *Standard*, ambos conhecidos por seu detalhado noticiário internacional.⁶⁶ O livro foi bem recebido, com críticas que geralmente concordavam que a ambientação e o enredo, mais do que o desenvolvimento da prosa e dos personagens, eram seus pontos fortes. Especificamente, “a [cena] mais impressionante”, escreveu o *Daily News*, “é a descrição de uma sessão de vodu [...] a aparição da enorme serpente, a bebida, a loucura do povo negro, a mulher alva entorpecida para o sacrifício compõem uma cena assombrosa”.⁶⁷ Mais uma vez, a imprensa usava o vodu como uma estratégia de difamação, ecoando o livro de St. John.

Embora eu não tenha conseguido encontrar as tiragens nem os registros editoriais de *Mahme Nousie*, essas resenhas são uma indicação do seu impacto. Isso ainda se confirma pelos anúncios dos trabalhos posteriores de Fenn, nos quais o livro é usado para apresentar a reputação, o reconhecimento e a marca do autor.⁶⁸ O público de *Mahme Nousie* também se expandiu quando seu primeiro volume foi transformado em um folheto publicado no *Bristol Mercury* e no *Daily Post* sob o título “A golden dream”. Seu anúncio dizia: “‘A golden dream’ começa na adorável ilha vulcânica do Haiti, com seu lindo cenário natural e sua peculiar mistura de raças e interesses. O romance que se desenvolve é tão brilhante e incomum quanto o local em que se passa”.⁶⁹ O *Bristol Mercury* estava particularmente interessado em *Mahme Nousie*, pois a economia da sua cidade estava intimamente ligada aos destinos do império. Seu porto, em particular, devia-se ao comércio atlântico, assim como sua consequente industrialização. A história de uma sociedade haitiana em declínio, ao que parece, era de particular interesse para aqueles que desejavam ensinar seus filhos sobre as potenciais ameaças ao império que deveriam ser combatidas.

A daughter of the tropics também foi publicada em série no *Cheshire Observer*.⁷⁰ Este condado estava situado entre as cidades de Liverpool e Manches-

⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 51.

⁶⁶ O livro foi anunciado nas seguintes edições: *Morning Post*, 29 set. 1891, p. 6; *Standard*, 8 out. 1891, p. 7; *Standard*, 10 out. 1891, p. 7; *Graphic*, 31 out. 1891; *Morning Post*, 3 nov. 1891, p. 6; *idem*, 11 nov. 1891, p. 12; *idem*, 13 nov. 1891, p. 7; *idem*, 18 maio 1892; *idem*, 20 maio 1892, p. 11; *Standard*, 23 maio 1892, p. 9; *Morning Post*, 23 maio 1892, p. 11; *idem*, 31 maio 1892, p. 10; *Standard*, 22 jun. 1892, p. 9, e *Pall Mall Gazette*, 12 dez. 1895.

⁶⁷ Novels. *Daily News*, 26 dez. 1891.

⁶⁸ Ver *Standard*, 4 out. 1892, p. 8; *Morning Post*, 5 dez. 1893, p. 6.

⁶⁹ *Bristol Mercury* e *Daily Post*, 28 mar. 1891.

⁷⁰ Pesquisei no British Library Newspaper Database, mas não consegui encontrar a história em nenhum outro jornal.

ter, intimamente ligadas ao comércio imperial.⁷¹ O porto de Liverpool, em particular, serviu como um entreposto do império no final do século XIX, com muitos de seus parlamentares defendendo privilégios comerciais.⁷² Além disso, Liverpool era um lugar crucial para a imigração. *The Cheshire Observer* de certo sabia muito bem da preocupação da população local com o policiamento dessa fronteira e com a possibilidade de imigrantes entrarem no espaço local.

Um circuito de comunicação transatlântico

Ao documentar como a concepção de St. John viajou, eu pude demonstrar que as ideias sobre o Haiti, e particularmente sobre o vodu e a decadência haitiana, faziam parte de um circuito de comunicação transatlântico. Por meio de referências e citações, os juízos de *Haiti, ou a República Negra* foram mobilizados em vários debates sobre o controle colonial. Mas, sobretudo, evidências da sua influência apareceram em narrativas de ficção de formas menos óbvias, indicando um diálogo mais implícito e difuso entre St. John e seus leitores. Nessas conversas, o Haiti foi cristalizado como decadente.

St. John concebeu sua obra em contextos discursivos específicos, relacionando-a às relações britânicas na África e depois no Caribe. À medida que esses contextos mudaram, seu livro passou a ser visto como ultrapassado, mas suas ideias permaneceram influentes. Em 1900, o jornalista e jogador de críquete Hesketh Vernon Prichard foi enviado pelo *Daily Express* ao Haiti com o intuito de esclarecer essa questão. Seu livro especificou justamente os temas mobilizados por St. John para difamar o país: vodu, canibalismo e governo inapto. A tese de St. John viajava assim para além do contexto discursivo em que foi concebido inicialmente, ainda que Prichard a considerasse “um tanto ultrapassada”.⁷³ Nos termos de Said, a obra de Prichard possivelmente apresentava uma versão “diluída” do livro de St. John.

Talvez não seja de surpreender, nesse caso, que *Haiti, ou a República Negra* tenha tido tanta influência na ocupação norte-americana do Haiti, em 1915. Como Ludwell Lee Montague afirmou em 1940, St. John “fundou uma nova escola na forma de reportar o ambiente haitiano [...] [No entanto,] logo [ele] teve outro grupo de discípulos que, dando menos atenção ao vodu como um artifício literário, o valorizou como uma justificativa para o imperialismo”.⁷⁴ E, de fato, Kate Ramsey descobriu que os haitianos que montaram resistência armada aos militares dos EUA eram, graças a St. John, suspeitos de canibalismo associado ao vodu.⁷⁵ Embora as ideias de St. John tenham

⁷¹ Ver MACKENZIE, John. Empire and metropolitan cultures. In: PORTER, Andrew e LOUIS, William Rober (eds.). *The Oxford history of the British empire*, v. 3: The nineteenth century. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 271.

⁷² Ver STEELE, Murray. Transmitting ideas of empire: representation and celebrations in Liverpool, 1866-1953. In: HAGGERTY, Sheryllyne, WEBSTER, Anthony e WHITE, Nicholas J (eds.). *The empire in one city? Liverpool's Inconvenient Past*. Manchester: Manchester University Press, 2008.

⁷³ PRICHARD, Hesketh Vernon. *Where black rules white: a journey across and about Hayti*. London: Archibald Constable & Co., 1900, p. 3.

⁷⁴ MONTAGUE, Ludwell Lee. *Haiti and the United States, 1714-1938*. Durham: Duke University Press, 1940, p. 26 e 27. Este argumento também foi usado mais recentemente por DASH, Michael. *Haiti and the United States: national stereotypes and the literary imagination*. London: Macmillan, 1988, p. 22-24. Ver ainda PLUMMER, Brenda Gayle. *Haiti and the great powers, 1902-1915*. Baton Rouge and London: Louisiana State University Press, 1988, p. 72.

⁷⁵ Ver RAMSEY, Kate. *Spirits and the law, op. cit.*, p. 132.

viajado para novos momentos históricos, elas sempre estiveram relacionadas com estratégias imperiais de difamação, tornando-se especialmente contundentes em 1915.

Tradução autorizada em 25 de abril de 2023. Aprovada em 27 de maio de 2023.